

# Estreante Nova Direita quer ser “ponto de equilíbrio” entre PSD e Chega

written by 0 Cidadão | 17 de Janeiro, 2024



Numa conferência de imprensa de apresentação do partido, que decorreu na sede, em Lisboa, a líder, **Ossanda Líber**, afirmou que o Nova Direita se apresenta às eleições legislativas de 10 de março “para ganhar”.

Acompanhada por outros candidatos, a fundadora do partido que foi legalizado pelo Tribunal Constitucional na semana passada considerou que a “direita, como está, inspira pouca confiança” e defendeu que a sua força política constitui “a única garantia de estabilidade de um governo à direita”.

“Estou necessariamente disponível desejosa e ávida de ser a próxima primeira-ministra de Portugal”, salientou, não

querendo traçar objetivos eleitorais concretos.

*“Vamos trabalhar para o melhor resultado possível”,* declarou.

Ossanda Liber atirou críticas ao PSD e Chega e disse não identificar em Luís Montenegro ou André Ventura *“capacidade de assumir”* o cargo de primeiro-ministro, apesar de se referir a estes partidos como *“futuros colegas de coligação e governo”*.

Na sua ótica, o PSD *“está completamente desorientado”* e *“não consegue apresentar propostas”*, tendo *“tanta sede de poder que não consegue pensar no interesse coletivos dos portugueses, exceto no seu próprio”*.

Ossanda Liber identificou também um problema de liderança no PSD: *“Um timoneiro que transpira incapacidade de comando, zero firmeza de convicções e de força para tomar decisões, de quem todas as pessoas desconfiam, que não tem ascendência sobre os seus, quanto mais sobre os outros, em suma, está destinado a falhar”*.

Já o Chega, considerou tratar-se de *“uma verdadeira força bruta mas que depois, em boa verdade, é um vazio de conteúdos e ideias”*, que *“não dá confiança aos eleitores”*.

*“Dar a liderança do país a um partido destes é perigoso, irresponsável e previsivelmente mau”*, sustentou.

A cabeça de lista por Lisboa salientou que o Nova Direita é capaz de *“gerir as várias sensibilidades, quer as do Chega, quer as do PSD”*.

*“Nós seremos o fiel da balança, o ponto de equilíbrio entre estas duas forças aparentemente incapazes de se entender”*, salientou.

*“Para que uma geringonça funcione, não pode ser a dois, tem de ser a três”*, acrescentou, indicando já ter contactado estes dois partidos, mas ainda espera resposta.

Ossanda Liber considerou também ser *“possível gerir as guerras de testosterona”* de Luís Montenegro e André Ventura e disse ter *“suficiente patriotismo, sentido de responsabilidade, ‘savoir faire’, experiência, vontade e vida para tomar conta esses dois meninos”*.

Entre as propostas do partido estão a criação de um sistema universal de cobertura de saúde que possibilite a escolha entre hospitais públicos, privados ou de setor social, a revogação da lei da eutanásia, aumentar a licença de maternidade para os dois anos, diminuir progressivamente o IRC, lutar *“contra a ideologia ‘woke’”* nas escolas e adotar uma *“imigração controlada e seletiva”*.

Questionada sobre este último ponto, a fundadora do Nova Direita explicou que a sua proposta é que haja critério, controlo e estratégia na entrada de estrangeiros, priorizando *“imigração boa para Portugal, que não coloque problemas”*.

O Nova Direita defende igualmente uma *“imigração controlada e seletiva”* e o fim das isenções para procedimentos como cirurgias de mudança de sexo ou interrupção da gravidez.

A líder disse ainda que o congresso fundador do Nova Direita vai realizar-se antes das legislativas, mas ainda não foi marcado.

Ossanda Liber, 46 anos, foi vice-presidente do Aliança e concorreu como independente às Câmara Municipal de Lisboa nas autárquicas de 2021.